

A educadora de creche. Construindo suas identidades

ONGARI, Bárbara; MOLINA, Paola. São Paulo: Cortez Editora, 2003. 172 p.

*Maura Hess Junqueira**

O livro *A educadora de creche construindo suas identidades* apresenta os resultados de uma pesquisa realizada na Itália, tendo como enfoque principal investigar a percepção que as profissionais de creche têm de si mesmas e do próprio trabalho. Os dados coletados evidenciam a heterogeneidade de percepções em relação às trajetórias pessoais e profissionais, bem como a cultura da creche de cada região da Itália. Em contraponto, a pesquisa apresenta a percepção homogênea dessas profissionais em conceber o trabalho na creche, a profissão, a relação com as crianças e a relação com a administração pública. Os dados ora apresentados são relevantes para o aprofundamento do debate sobre a creche e os profissionais que nela trabalham, numa perspectiva de contribuir para a compreensão e definição de uma identidade profissional específica da educadora de creche.

O processo de transformação do papel das creches na Itália ocorreu a partir da Lei 1044, de 06/12/1971, segundo a qual a gestão do cuidar desloca-se do sanitário para o educativo. Sob esse enfoque histórico, as autoras, Bárbara Ongari (pesquisadora em Psicologia do Desenvolvimento no Departamento de Sociologia e Pesquisa Social da Universidade de Trento) e Paola Molina (Doutora em Psicologia pela Universidade de Estrasburgo, trabalha no laboratório de Psicologia do Desenvolvimento da Universidade de Torino), desenvolveram uma pesquisa no ano de 1992, com o intuito de investigar as representações que as educadoras têm de si mesmas, do próprio trabalho, do relacionamento com as crianças e das questões educativas predominantes hoje para os pais.

A metodologia de pesquisa apresenta-se estruturada em entrevistas “esquema aberto”, denominado “focalizado”, com 05 educadoras, respeitando-se, como princípio, a heterogeneidade entre elas (idade, número de filhos, formação profissional, etc). Quatro temas foram pontuados: a estrutura do trabalho na creche e suas relações; o relacionamento com os pais; o trabalho com as crianças; a gestão

* Mestranda FE – Unicamp. Aluna do curso de especialização de Formação de Professores – Proesf – Unicamp – Itatiba. maurahess@aol.com

da creche e o relacionamento com a prefeitura. A partir das entrevistas, foram extraídas e identificadas as categorias para elaboração do segundo instrumento, o questionário, que focalizou quatro áreas principais: a profissão; a percepção do papel exercido; a imagem e relacionamento com os pais; e o relacionamento com as crianças. O questionário foi proposto a 240 educadoras no primeiro semestre de 1992, em quatro cidades do centro da Itália (Milão, Módena, Trento, Roma) e em quatro áreas de pequenos centros (província de Milão, província de Reggio-Emília, província de Trento, província de Arezzo).

Assim, no primeiro capítulo, as autoras traçam o perfil da pesquisa, cujas hipóteses nos aguçam a curiosidade e nos remetem à leitura dos capítulos subsequentes.

No segundo capítulo, a pesquisa delinea questões sobre a “dupla presença” da educadora: a responsabilidade familiar e o papel social profissional e sobre a heterogênea formação escolar dessas profissionais (formação sanitária; específica de crianças de 0 a 3 anos; magistério; outros diplomas; e curso universitário). A maioria das educadoras, nos últimos anos, teve formação continuada com ênfase na didática e no desenvolvimento da criança. Relevantes são os dados que apontam a não-valorização do contexto de vida mais geral da criança, dos aspectos institucionais e suas funções públicas. As autoras finalizam o capítulo apontando os itens das dificuldades iniciais do trabalho na creche e constatam que o relacionamento entre os pares é um dos maiores obstáculos para o trabalho pedagógico dentro da instituição. Esse dado se opõe ao principal pressuposto da organização da nova creche educativa, ou seja, trabalho compartilhado e comum.

A análise da satisfação ou insatisfação no trabalho perpassa dois pólos diferenciados, no terceiro capítulo. O primeiro, dos fatores intrínsecos, ligados ao ambiente físico, ao trabalho com criança, à autonomia e à competência profissional. O segundo, dos fatores extrínsecos, relativos ao horário de trabalho, à estabilidade, ao salário e à imagem que a comunidade tem da creche. Os indícios apresentados foram categorizados em cinco fatores comuns: prefeitura, espaço, colegas, pais e trabalho. Algumas variantes foram consideradas: localização geográfica da creche, formação escolar e escolha profissional. Em destaque, a área geográfica cultural desempenha papel significativo na questão satisfação do trabalho (na Itália, as questões administrativas são heterogêneas, por causa da influência direta da cultura local).

Outro item significativo da pesquisa é o relacionamento com a administração, que tem um perfil extremamente insatisfatório (questões salariais, jornada rígida e pressão no ritmo de trabalho). As autoras, neste ponto, chamam a atenção para pensarmos nesses aspectos da administração das creches. Ao se concretizarem planos e projetos, revela-se um hiato entre a prática real, seus limites, e a intenção pedagógica.

A análise também aponta como aspecto importante a visão assistencialista que a comunidade tem da creche, por desqualificar a imagem profissional e tornar-se um fator relevante no sentimento de insatisfação do trabalho nessa instituição.

As questões profissionais das educadoras de creche têm como tema central a formação continuada. O momento crucial de se definirem os aspectos dessa formação é quando permanece em jogo a experiência feminina em relação à maternidade (os chamados “dotes femininos”, considerados como único requisito para desenvolver esse trabalho). Entretanto, as autoras mostram, no quarto capítulo, uma nova fase dessa profissão: existe uma linha consistente que elege, como requisitos para a aquisição da capacidade profissional, a experiência e a prática profissional, acompanhadas de cursos de atualização e troca de idéias com o coletivo. A pesquisa aponta para o papel profissionalizante da educadora, que considera sua experiência familiar e a aprendizagem profissional como dois aspectos distintos, e com pouca influência de um sobre o outro. No final do capítulo, Ongari e Molina tecem reflexões (e apresentam dados da base do trabalho da educadora e da imagem da boa educadora) sobre o não-reconhecimento dos aspectos relacionais inerentes a essa profissão, sobretudo com a criança, com a administração municipal e com as famílias.

No quinto capítulo, um dos aspectos pouco reconhecidos da profissão de educadora, o afetivo, é examinado sob o enfoque do relacionamento com a criança, o que não pode ser negligenciado por quem tem a responsabilidade de cuidar e educar crianças pequenas. A pesquisa aborda a relação entre o trabalho e a experiência familiar, na perspectiva da “dupla presença”, ou seja, da continuidade do papel de educadora e mãe no âmbito institucional. Nesse sentido, a representação da profissão pode ser considerada em dois níveis: um, do trabalho em termos altamente profissionalizantes e desligados da própria experiência pessoal; e o outro, a valorização da experiência familiar. O aspecto afetivo em relação à criança, delineou-se em quatro enfoques: ajuda no crescimento da criança, relacionamento emocional mais especial com uma única criança, afetividade bilateral, reciprocidade entre o adulto e a criança, sentimento doloroso da separação. As autoras salientam que, pelo foco quantitativo, os dados, neste âmbito, oferecem apenas alguns pontos para reflexão. E, por esse intrincado caminho da relação educadora-mãe, objetiva-se uma reflexão qualitativa mais profunda para que “a dupla presença” possa ser recuperada dentro da profissão como “dupla experiência”.

Finalizando a apresentação da pesquisa, as autoras consideram pertinente examinar, no sexto capítulo, as questões que delineiam a creche como serviço público. A qualidade do serviço foi pontuada pela maioria das educadoras como boa. Em relação à satisfação dos pais por terem escolhido a creche, a porcentagem perfaz 49%. Entre outros aspectos, a importância ao apoio administrativo e o relacionamento com as famílias são considerados insignificantes. Na visão das

educadoras, os fatores determinantes da qualidade da creche partem do desempenho pessoal, em seguida, pela harmonia do grupo e, finalmente, atingindo espaços e decorações. Dá-se um significado de qualidade privativo ao âmbito interno, sendo as interferências externas completamente descartadas. O pico das reflexões deste capítulo pauta-se na base dos dados apresentados, segundo os quais na visão das profissionais, a creche se configura como serviço autônomo e não como serviço público.

Refletir sobre as questões pertinentes às creches, seus profissionais, a comunidade e a gestão administrativa, requer uma leitura minuciosa deste livro. Os dados apresentados nos remetem à compreensão apurada da percepção que a educadora tem de sua profissão. No Brasil, cujas pesquisas têm apontado para um maior aprofundamento no debate sobre o contexto educativo das creches, é de extrema importância e obrigatoriedade a leitura desta obra por todos os profissionais que direta ou indiretamente estão envolvidos com as questões dessa instituição.